

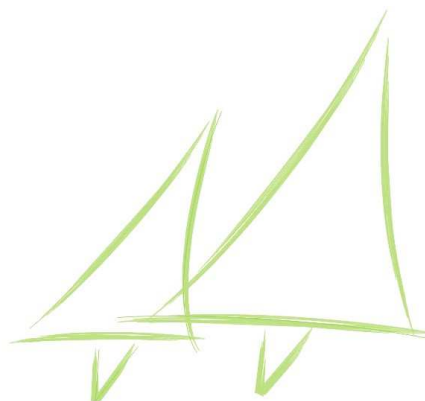
V ENCONTRO DE PESQUISADORES LATINO-AMERICANOS DE COOPERATIVISMO

V ENCUENTRO DE INVESTIGADORES LATINOAMERICANOS DE COOPERATIVISMO

MOVIMENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZAÇÃO
E IDENTIDADE COOPERATIVA NA AMÉRICA LATINA

MOVIMIENTO COOPERATIVO, TRANSNACIONALIZACIÓN E IDENTIDAD COOPERATIVA EN AMÉRICA LATINA

COMITÉ DE PESQUISA DA ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL



113 - ANÁLISE DO DESEMPENHO FINANCEIRO DAS COOPERATIVAS DE CRÉDITO BRASILEIRAS NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Gestão econômica e social de cooperativas

Marina Teixeira Trindade
mtrindade@fearp.usp.br

Francisco de Assis Ferreira Filho
francisco.aff@hotmail.com

Sigismundo Bialoskorski Neto
sigbial@fearp.usp.br

*Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo*

Resumo

Este artigo visa analisar o desempenho financeiro das cooperativas de crédito nos últimos dez anos comparando com o desempenho das outras instituições do segmento bancário. A análise foi baseada na evolução monetária e percentual do ativo, patrimônio líquido e das contas depósitos e operações de crédito, sendo estas as contas mais representativas no balanço de uma instituição financeira, e em índices financeiros, tais como rentabilidade líquida dos investimentos, custo total do financiamento, Taxa de Retorno sobre o Ativo e Auto-Sustentabilidade. Uma leitura das condições macroeconômicas do Brasil neste período foi realizada para mostrar com mais fidelidade se o crescimento das instituições financeiras foi significativo perante o cenário econômico. Dados como PIB, PIB *per capita*, taxa de juros, taxa de inflação e taxa de câmbio foram utilizados como parâmetros.

Palavras-chave: cooperativas de crédito, desempenho financeiro, economia

Abstract

This article aims to analyze the financial performance of credit unions in the last ten years comparing with the performance of other banking institutions. The analysis was based on the monetary and percentage development of asset, equity, deposits and credit operations, which are the most representative accounts in the financial institution's balance, and in financial rates, such as net return on investment, total cost of financing, Rate of Return on Assets and Self-Sustainability. An analysis of the macroeconomics conditions during this period was made in order to show with more loyalty whether the growth of banking institutions was significant due to economic scenery. Data such as GDP, GDP *per capita*, BID, inflation rate and exchange rate were taken as parameters.

Key-words: credit unions, financial performance, economics

1. Introdução

A Associação Nacional das Cooperativas de Crédito (2007) considera que a estabilização econômica fortaleceu o crescimento das instituições financeiras, dentre elas as cooperativas de crédito, as quais expandiram o crédito, os depósitos e os serviços oferecidos para os seus cooperados desde meados da década de 1990.

O objetivo do trabalho é analisar o crescimento das cooperativas de crédito, do ponto de vista econômico e financeiro, de 1996 a 2005. Discute-se se o crescimento das cooperativas foi algo momentâneo ou se podemos considerá-lo como sendo um crescimento sustentável de longo prazo, principalmente em análises comparativas com bancos privados nacionais.

Especificamente para alcançar tal propósito, realizou-se primeiramente uma análise do crescimento das cooperativas de crédito perante o cenário econômico. Dados como PIB, PIB per capita, taxa de inflação, taxa de juros e taxa de câmbio foram utilizados para verificar a relação entre essas variáveis econômicas e as contas ativo, patrimônio líquido, depósitos e operações de crédito das cooperativas de crédito e dos bancos privados nacionais.

Posteriormente, foi realizada uma análise financeira específica das vinte maiores cooperativas de crédito brasileiras e de três bancos privados nacionais classificados dentre os cinco maiores bancos comerciais brasileiros, baseada no índice de rentabilidade líquida dos investimentos, custo total do financiamento, Auto-Sustentabilidade e Taxa de Retorno sobre o Ativo, como um estudo detalhado da parte mais significativa desses setores.

2. As cooperativas de crédito e o Sistema Financeiro Nacional

O cooperativismo surgiu em 1844, sendo que a primeira cooperativa de crédito, de caráter tipicamente rural, apareceu em 1848 na Alemanha. As cooperativas de crédito urbanas surgiram a partir de 1850 em diversos países

européus e a América conheceu a primeira cooperativa de crédito em 1900, criada na província de Quebec, no Canadá, pelo canadense Alphonse Desjardins.

No Brasil, a primeira cooperativa de crédito, a qual existe até hoje, foi constituída em 1902 pelo padre suíço Theodor Amstadt, no Rio Grande do Sul, chamada Caixa Rural de Nova Petrópolis. Em 1951 foi criado o Banco Nacional de Crédito Cooperativo com o objetivo de assistência e amparo às cooperativas, o qual foi fechado em 1990 e, desde a nova constituição, diversas leis e resoluções garantiram a consolidação do ramo no país. O Bansicredi S/A e o Bancoop foram criados em 1995 e 1996, respectivamente, e em 2003 a Resolução 3.106 abriu espaço para o desenvolvimento do cooperativismo de crédito, pois permitiu a constituição de cooperativas de livre admissão de associados.

Em linhas gerais, as cooperativas de crédito são consideradas como sendo organizações que não visam ao lucro, constituídas para prestar serviços financeiros aos associados, como concessão de crédito, captação de depósitos à vista e a prazo, cheques, prestação de serviços de cobrança, de custódia, de recebimentos e pagamentos por conta de terceiros, além de outras operações específicas.

Pode-se observar, a partir do gráfico abaixo, que o número de cooperativas de crédito aumentou nas últimas décadas, principalmente na década de 1990.

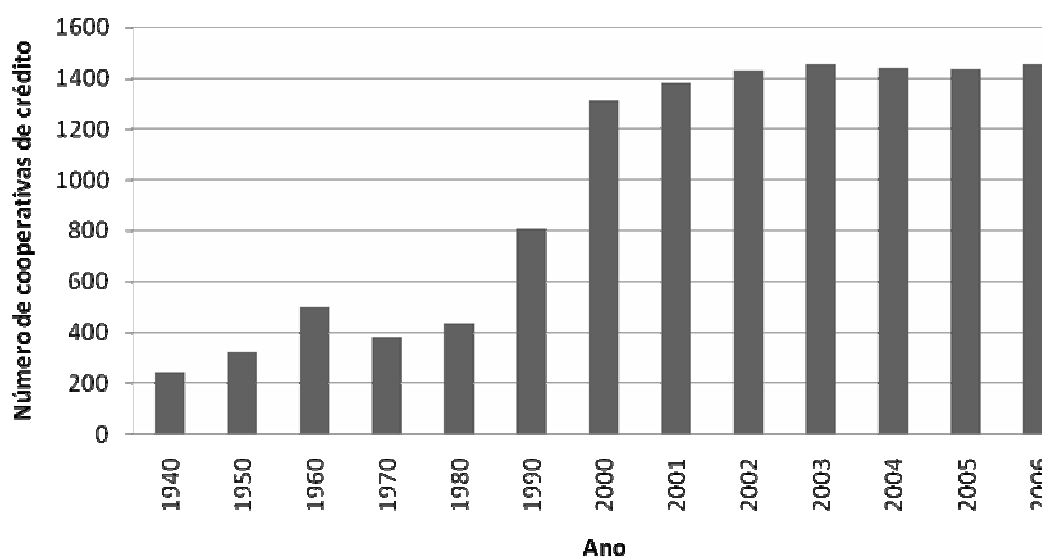


Gráfico 1 – Evolução do número de cooperativas de crédito. Fonte: Banco Central do Brasil, 2007.

As cooperativas de crédito estão inseridas no Sistema Financeiro Nacional (SFN), o qual, segundo Assaf Neto (2008), é formado por instituições financeiras públicas e privadas, sendo o Conselho Monetário Nacional (CMN) seu órgão máximo.

É por meio do Sistema Financeiro Nacional que se torna possível a realização de intermediação entre os agentes superavitários e os agentes deficitários. Os agentes superavitários são aqueles que conseguem auferir um

consumo e investimento menor do que a sua própria renda, conseguindo assim criar uma poupança, e os agentes deficitários são justamente aqueles que consomem e investem mais do que a sua própria renda. Assim, o sistema fica responsável por intermediar a relação entre esses dois agentes: o carente e o poupador.

O Sistema Financeiro Nacional teve a sua estruturação através da Lei de Reforma Bancária, que criou o Conselho Monetário Nacional (CMN) e o Banco Central do Brasil e estabeleceu as normas e procedimentos aos quais as entidades do sistema financeiro deveriam se subordinar; da Lei de Mercado de Capitais, onde foram estabelecidas normas e regulamentos para estruturar o sistema de investimentos destinado a apoiar o desenvolvimento nacional e atender a demanda por crédito, a Lei de Criação dos Bancos Múltiplos e ainda, segundo Fortuna (2008), também teve grande relevância a Nova Lei das Sociedades Anônimas, a qual consolidou os dispositivos da Lei da CVM e da Lei das S.A., melhorando a proteção aos minoritários e dando força à atuação da CVM como órgão regulador e fiscalizador do mercado de capitais, incluindo os fundos de investimento e os mercados de derivativos.

A divisão proposta por Assaf Neto (2008) do Sistema Financeiro Nacional é composta em dois subsistemas: o primeiro, o Subsistema Normativo, onde encontramos órgãos responsabilizados pelo funcionamento do mercado financeiro e das instituições através da fiscalização e regulamentação deste. Como exemplo, podemos citar o Conselho Monetário Nacional, o Banco Central do Brasil, a Comissão de Valores Mobiliários e outras instituições especiais, como o Banco do Brasil, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Caixa Econômica Federal. O segundo, o Subsistema de Intermediação, pode ser dividido em cinco grandes grupos:

- 1) As Instituições Financeiras Bancárias, que são representadas pelos bancos comerciais;
- 2) As Instituições Financeiras Não-Bancárias, que são representadas pelos bancos de investimento, pelos bancos de desenvolvimento, pelas sociedades de crédito imobiliário e, segundo Assaf Neto (2008), as cooperativas de crédito estariam inseridas nesta classificação;
- 3) O Sistema Brasileiro de Poupança (SBPE), composto por instituições participantes desse sistema, como Caixa Econômica Federal, Sociedades de Crédito Imobiliário, Associações de Poupanças e Empréstimos e bancos múltiplos, que constituem o Sistema Financeiro de Habitação do Brasil;
- 4) As instituições auxiliares, que são representadas pelas bolsas de valores, sociedade corretoras, sociedades distribuidoras e os agentes autônomos de investimento;
- 5) E, por fim, as Instituições Não-Financeiras, que são representadas pelas sociedades de fomento comercial (*factoring*) e pelas companhias seguradoras.

A descrição do Sistema Financeiro Nacional foi feita para contextualizar o cenário em que se encontram as cooperativas de crédito, foco do trabalho. Uma

vez que as cooperativas de crédito apresentam um crescimento significativo, tem-se que analisar o desempenho dessas instituições para explicar, de forma detalhada, as características desse processo de expansão.

3. Comparação entre cooperativas de crédito e bancos privados nacionais

O número de cooperativas de crédito brasileiras, em geral, cresceu nos últimos anos, conforme mostra a tabela abaixo.

Tipo	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Banco Múltiplo	210	205	194	180	174	169	164	153	143	141	139	138	137
Banco Comercial ¹	34	35	38	36	28	25	28	28	23	23	24	22	21
Cooperativa de Crédito	946	980	1018	1120	1198	1253	1311	1379	1430	1454	1436	1439	1452

¹ Inclui as filiais de bancos estrangeiros.

Tabela 1 – Evolução do número dos bancos múltiplos, bancos comerciais e cooperativas. Fonte: Banco Central do Brasil, 2007.

Vale ressaltar que, enquanto o número de cooperativas aumentou, o número de bancos comerciais e múltiplos diminuiu. Essa contradição pode ser explicada pelo fato de que os bancos múltiplos e os bancos comerciais têm estratégias de crescimento diferentes das estratégias apresentadas pelas cooperativas de crédito: enquanto as cooperativas de crédito mantêm a expansão no número de unidades como fator relevante para o crescimento, os bancos mostram que por meio de processos de fusão o crescimento do setor será maior, principalmente nos ganhos de escala e na redução dos custos.

Pretende-se, portanto, fazer uma comparação entre o crescimento das cooperativas de crédito e o crescimento dos bancos privados nacionais, visando mostrar se essas instituições acompanharam ou não a economia brasileira nos últimos anos e como cada uma das instituições aproveitou os momentos de crescimento econômico do país. Para tal análise, é necessário, primeiramente, verificar se é possível comparar esses tipos de instituições, pois, apesar de comporem o mesmo sistema financeiro, cada uma delas tem operações, serviços e objetivos significativamente diferentes.

Deve-se, então, proceder a uma análise da influência das variáveis econômicas Produto Interno Bruto (PIB), Produto Interno Bruto *per capita* (PIB *per capita*), Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), taxa de juros Selic e taxa de câmbio de compra sobre as principais contas do balanço patrimonial das cooperativas de crédito e dos bancos privados nacionais: ativo, patrimônio líquido (PL), depósitos e operações de crédito. Os dados utilizados são referentes ao período de 1996 a 2005.

A escolha das variáveis acima descritas deve-se às seguintes relações:

- 1) O PIB mede o crescimento da economia brasileira e, portanto, espera-se que as cooperativas de crédito e os bancos privados nacionais

acompanhem esse crescimento, ou seja, se o PIB aumenta o crescimento das cooperativas de crédito e dos bancos privados nacionais também aumenta, e vice-versa;

- 2) O IPCA é o índice oficial do Governo Federal para medição das metas inflacionárias desde julho de 1999 e, por isso, é utilizado para verificar se há correlação entre as variáveis de balanço e as variações da taxa de inflação do Brasil;
- 3) A taxa de juros Selic é a taxa básica de juros da economia brasileira, divulgada pelo Comitê de Política Monetária (COPOM). Espera-se que quanto maior a taxa Selic menor é a rentabilidade das cooperativas de crédito e dos bancos privados nacionais, e vice-versa;
- 4) A taxa de câmbio é utilizada na intermediação das relações comerciais e financeiras de um país com o resto do mundo, sendo assim de extrema importância para a economia brasileira. Utilizou-se tal taxa para averiguar se há ou não correlação entre ela e as variáveis de balanço das cooperativas de crédito e dos bancos privados nacionais. Como o valor da taxa de câmbio de compra e da taxa de câmbio de venda são muito próximos, utilizou-se apenas a taxa de câmbio de compra na análise.

Assim, utilizou-se do coeficiente de correlação de Pearson, um indicador da intensidade de uma relação linear entre duas variáveis, para que se pudesse fazer uma análise coerente dessas influências. A tabela abaixo apresenta os resultados encontrados.

Cooperativas de Crédito

	PIB	PIB <i>per capita</i>	IPCA	Selic	Taxa de Câmbio de Compra
Ativo	*0,988	*0,912	0,146	-0,627	*0,806
Patrimônio Líquido	*0,987	*0,911	0,133	-0,627	*0,796
Depósitos	*0,954	*0,825	0,264	-0,628	*0,897
Operações de Crédito	*0,989	*0,923	0,121	*-0,634	*0,790

Bancos Privados Nacionais

	PIB	PIB <i>per capita</i>	IPCA	Selic	Taxa de Câmbio de Compra
Ativo	*0,986	*0,930	0,104	-0,620	*0,774
Patrimônio Líquido	*0,972	*0,873	0,172	-0,616	*0,838
Depósitos	*0,973	*0,941	0,068	-0,567	*0,707
Operações de Crédito	*0,983	*0,944	0,137	*-0,669	*0,760

* Há correlação linear significativa entre as variáveis para um valor crítico de 0,632 e um nível de significância de 5%.

Tabela 2 – Coeficiente de correlação de Pearson entre as variáveis econômicas e as principais variáveis de balanço das cooperativas de crédito e dos bancos privados nacionais.

Pode-se observar, a partir dos coeficientes de correlação, que as variáveis de balanço das cooperativas de crédito e as variáveis de balanço dos bancos privados nacionais estão correlacionadas de forma semelhante às mudanças nas variáveis econômicas. Em ambos os casos, há correlação linear significativa entre as principais contas de um balanço patrimonial e as variáveis PIB, PIB *per capita* e taxa de câmbio de compra. Entretanto, não há evidência suficiente para se concluir que haja uma correlação linear entre as variáveis de balanço das cooperativas de crédito e dos bancos privados nacionais e as variáveis IPCA e Selic, com exceção das operações de crédito, que apresentam significância com relação à taxa de juros Selic: quanto maior a taxa de juros Selic, menor é o número de operações de crédito realizadas, em ambos os casos.

Portanto, é possível afirmar que a comparação entre cooperativas de crédito e bancos privados nacionais é viável, já que as principais variáveis de balanço de ambas se correlacionam da mesma maneira com as variáveis econômicas.

4. Representatividade das cooperativas de crédito no Sistema Financeiro Nacional

A participação das cooperativas de crédito no Sistema Financeiro Nacional aumentou nos últimos anos, sendo esta mais uma evidência do crescimento do setor. A tabela abaixo apresenta a variação percentual da representatividade de cada instituição do segmento bancário com base nas principais variáveis de balanço entre os anos de 1996 e 2005.

Representatividade das Instituições Financeiras no Ativo do SFN

Instituição do segmento bancário	1996	2005	Variação
Bcos Públicos (+ Caixas Estaduais)	21,92%	5,09%	-16,83%
Banco do Brasil	12,52%	15,36%	2,84%
Caixa Econômica Federal	16,47%	12,05%	-4,42%
Bcos Privados Nacionais	38,28%	43,12%	4,84%
Bcos com Controle Estrangeiro	10,51%	22,89%	12,38%
Cooperativas de Crédito	0,30%	1,49%	1,19%

Representatividade das Instituições Financeiras no PL do SFN

Instituição do segmento bancário	1996	2005	Variação
Bancos Públicos (+ Caixas Estaduais)	12,40%	4,74%	-7,66%
Banco do Brasil	11,86%	9,30%	-2,56%
Caixa Econômica Federal	8,85%	4,39%	-4,46%
Bancos Privados Nacionais	54,21%	54,15%	-0,06%

Bancos com Controle Estrangeiro	11,41%	24,56%	13,15%
Cooperativas de Crédito	1,27%	2,86%	1,59%

**Representatividade das
Instituições Financeiras nos
Depósitos do SFN**

Instituição do segmento bancário	1996	2005	Variação
Bcos Públicos (+ Caixas Estaduais)	21,50%	5,98%	-15,52%
Banco do Brasil	14,53%	16,51%	1,98%
Caixa Econômica Federal	23,14%	14,26%	-8,88%
Bcos Privados Nacionais	33,36%	41,61%	8,25%
Bcos com Controle Estrangeiro	7,17%	20,27%	13,10%
Cooperativas de Crédito	0,30%	1,37%	1,07%

**Representatividade das
Instituições Financeiras nas
Operações de Crédito do SFN**

Instituição do segmento bancário	1996	2005	Variação
Bcos Públicos (+ Caixas Estaduais)	23,48%	4,05%	-19,43%
Banco do Brasil	10,62%	18,46%	7,84%
Caixa Econômica Federal	23,99%	8,01%	-15,98%
Bcos Privados Nacionais	31,87%	40,84%	8,97%
Bcos com Controle Estrangeiro	9,51%	26,37%	16,86%
Cooperativas de Crédito	0,53%	2,27%	1,74%

Tabela 3 – Evolução da representatividade das instituições financeiras no Sistema Financeiro Nacional. Fonte: Banco Central, SISBACEN.

Tem-se que tanto as cooperativas de crédito quanto os bancos privados nacionais tiveram um aumento nas representatividades no ativo, depósitos e operações de crédito do Sistema Financeiro Nacional durante o período analisado, sendo que o aumento da representatividade dos bancos privados nacionais foi maior do que o das cooperativas de crédito: enquanto as cooperativas de crédito aumentaram a representatividade nas contas citadas em 1,19%, 1,07% e 1,74%, respectivamente, os bancos privados nacionais aumentaram em 4,84%, 8,25% e 8,97%, respectivamente. Destaca-se que, apesar do forte crescimento dos bancos privados nacionais, houve uma redução da participação dos mesmos no patrimônio líquido do Sistema Financeiro Nacional de -0,06%, enquanto que as cooperativas de crédito aumentaram a sua participação em 1,59%.

Pode-se observar que os bancos com controle estrangeiro apresentaram o maior aumento da representatividade, tendo um crescimento acima de 12% em cada uma das contas analisadas.

O crescimento da representatividade das cooperativas de crédito pode ser considerado como sendo um crescimento significativo, porém menos expressivo diante do crescimento das outras instituições.

5. Análise do desempenho financeiro das vinte maiores cooperativas de crédito

Dentre as 1452 cooperativas de crédito que compõem o sistema financeiro atualmente foram escolhidas as vinte maiores cooperativas, com base no ativo total destas no ano de 1995.

A escolha das vinte maiores cooperativas foi feita em função da representatividade significativa dessas no Sistema Financeiro Nacional em 1996 e pelo fato de apresentarem uma continuidade ao longo dos 10 anos estudados. As vinte maiores cooperativas representavam, no ano de 1996, 24,62% do ativo, 16,36% dos depósitos, 23,22% das operações de crédito e 21,70% do patrimônio líquido do total das cooperativas de crédito brasileiras.

Para efeito comparativo, foram escolhidos três bancos privados nacionais: Bradesco, Itaú e Unibanco. A escolha dos três bancos privados nacionais foi feita em razão de estarem entre os cinco maiores bancos comerciais e pela continuidade desses no Sistema Financeiro Nacional nos últimos 10 anos.

Dois tipos de análise foram realizadas para avaliar o desempenho financeiro das vinte maiores cooperativas de crédito e dos três bancos privados nacionais: a análise horizontal das contas patrimoniais e a análise baseada em importantes índices financeiros. A demonstração desses índices tem como objetivo auferir resultados que sejam significativos para a qualificação das cooperativas de crédito analisadas. Para Matarazzo (1995, p 153), índice “[...] é a relação entre contas ou grupos de contas das demonstrações financeiras que visa evidenciar determinado aspecto da situação econômica ou financeira de uma empresa”.

Descrevem-se abaixo cada uma das análises realizadas.

5.1 Análise horizontal

É a análise através do cálculo da evolução percentual, ano a ano, sempre com base no período anterior, das contas com maior representatividade patrimonial para uma instituição financeira. O período analisado é de 1996 a 2005 e as contas utilizadas foram: operações de crédito, por representar percentual extremamente significativo do total de investimentos de uma instituição financeira e por representar a carteira de clientes da mesma; depósitos, por representar parte significativa do financiamento da instituição financeira; ativo total, pela análise de crescimento global proporcionado por esta conta; e patrimônio líquido, pois representa o crescimento de investimentos dos proprietários no negócio.

5.2 Análise baseada em índices financeiros

A análise através dos índices é de fundamental importância para o trabalho, pois contribui para chegar a conclusões com relação aos desempenhos financeiros tanto das cooperativas de crédito quanto dos bancos privados nacionais. Segue abaixo a descrição de cada um dos índices utilizados.

5.2.1 Rentabilidade Líquida dos Investimentos

Este Índice representa o retorno obtido pelos investimentos feitos pela instituição e é importante pelo fato de apresentar uma análise global do retorno proporcionado pelo total dos ativos da instituição. É considerada neste índice a rentabilidade auferida pela soma das:

- 1) Receita com Operações de crédito sobre a Média das operações de crédito, multiplicado pelo valor das operações de crédito em relação ao ativo total;
- 2) Receita com Títulos e Valores Mobiliários e Instrumentos Financeiros Derivativos sobre a Média dos Títulos e Valores Mobiliários e Instrumentos Financeiros Derivativos, multiplicado pela média dos Títulos e Valores Mobiliários e Instrumentos Financeiros em relação á média do ativo total;
- 3) Todas as receitas operacionais (exceto as receitas com Operações de Crédito ou com Títulos e Valores Mobiliários e Instrumentos Financeiros) menos todas as despesas operacionais (exceto as despesas com Captação e as de Obrigações por empréstimos e repasses), sobre a média do ativo total;

Vale ressaltar que a média do ativo total foi considerada através da ponderação das medias de todas as contas do balanço patrimonial.

5.2.2 Custo Total dos Financiamentos

É considerado neste índice o custo total da dívida da instituição junto a terceiros, lembrando-se que não foi levado em conta para esta análise o custo do capital próprio, do acionista. O cálculo deste índice é importante pelo fato deste representar a onerosidade da dívida, portanto é possível através da diferença entre a rentabilidade líquida dos investimentos e o custo total da dívida extrair o quanto a instituição está lucrando ou perdendo com as suas atividades, sendo ainda possível calcular como esta instituição está usufruindo do capital de terceiros para a sua alavancagem financeira. Assim, o cálculo deste compreende despesas com captações mais despesas de obrigações por empréstimos e repasses sobre a média dos depósitos mais a média das obrigações por empréstimos e repasses somados à média de outras obrigações menos o permanente.

É através da soma da rentabilidade líquida dos investimentos com o custo total do financiamento que se chega ao Spread da operação financeira, isto é, o ganho que as cooperativas de crédito obtiveram em suas aplicações contra os custos que teve para financiar suas atividades administrativas e financeiras.

5.2.3 Auto-Sustentabilidade

A Auto-Sustentabilidade é um meio de analisar as operações da instituição sobre a ótica das demonstrações de resultado, sendo considerados os montantes

totais auferidos. O modelo utilizado no presente artigo para o cálculo deste índice foi proposto por Naves (2007).

Neste índice são calculados os Ingressos da Intermediação Financeira somados dos Ingressos de Prestação de Serviços, mais Outros Ingressos Operacionais sobre os Dispêndios de Intermediação Financeira mais os Dispêndios Administrativos e, por fim, somados Outros Dispêndios Operacionais.

Segundo Pischke (1999), a sustentabilidade financeira é importante porque instituições que são eficientes e estáveis ajudam o mercado financeiro a funcionar melhor, e mercados com um melhor desempenho é um ingrediente essencial para aumentar o bem-estar da sociedade no longo prazo. Além disso, mercados financeiros têm um papel extremamente importante no desenvolvimento econômico, uma vez que eles ligam todos os demais mercados.

5.2.4 Taxa de Retorno sobre Ativo

Segundo Martins (1986), este é um dos indicadores mais importantes na análise de rentabilidade de uma empresa. O cálculo deste índice é efetuado através da relação entre lucro líquido (sobras no caso das cooperativas de crédito) e o ativo médio total.

Na presente análise foram consideradas as seguintes cooperativas de crédito:

Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana de Sertãozinho-Cocred
 Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Cataratas do Iguaçu
 Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Maringá
 CCR* Alto Uruguai Catarinense-Crediauc
 CCR Região de Varginha-Cafeic
 CCR Conquista Limitada-Credic
 CCR Coonai
 CCR Coopercitrus –Credicitrus
 CCR de Erechim
 CCR do Norte de Minas
 CCR dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba
 CCR dos Plantadores de Cana de Alagoas
 CCR Fornecedores de Cana e Agropecuários da Região de Piracicaba
 CCR Nova Petrópolis
 Cooperativa de Crédito Vale do Itajai-Viacredi
 Cooperativa Goiana **ECM dos Profissionais da Saúde
 Cooperforte ***CECMF de Instituições Financeiras Públicas Federais LTDA
 Cooperativa Regional de Crédito do Sudoeste Mineiro
 Credicoamo Crédito Rural Cooperativa
 Credicorol Cooperativa de Crédito Rural

*CECMF: Cooperativa de Economia e Crédito Mútuo dos Funcionários

**ECM: Economia e Crédito Mútuo

***CCR: Cooperativa de Crédito Rural

Tabela 4 – Lista das vinte maiores cooperativas de crédito. Fonte: Banco Central, SISBACEN.

V Encontro de Pesquisadores Latino-americanos de Cooperativismo
V Encuentro de Investigadores Latinoamericanos de Cooperativismo
06-08 Agosto 2008 – Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil

No período considerado, entre 1996 e 2005, foram feitas as análises descritas acima para as vinte maiores cooperativas de crédito e três bancos privados nacionais. A tabela a seguir mostra a média dos índices observados, sendo a média um instrumento de análise que propicia uma visão de todo o período, e a variação ocorrida considerando-se o início do período, 1996, e o fim do período, 2005, visando ter uma dimensão de como se apresentavam os índices no período inicial e final do estudo.

O resultado auferido é apresentado abaixo.

	Média cooperativas de crédito	Média bancos privados nacionais	Média das Coop. de Crédito			Média dos Bancos Privados Nacionais		
			1996	2005	Variação	1996	2005	Variação
Operações de crédito	31,22%	20,50%	35,99%	18,23%	-17,76%	20,77%	25,78%	5,00%
Depósitos	46,55%	17,26%	99,46%	19,27%	-80,19%	-3,34%	11,97%	15,32%
PL	26,46%	17,47%	17,34%	36,68%	19,34%	12,11%	17,99%	5,88%
Ativo	31,95%	19,81%	41,89%	23,12%	-18,77%	21,30%	14,87%	-6,43%
Rentabilidade Líquida dos Investimentos	12,61%	15,71%	20,27%	12,50%	-7,77%	17,5%	13,64%	-3,82%
Custo total do financiamento	-12,04%	-13,40%	-17,85%	-10,72%	7,12%	-16,3%	-8,93%	7,35%
SPREAD	0,57%	2,30%	2,43%	1,78%	-0,65%	1,2%	4,71%	3,53%
Auto-Sustentabilidade	1,251	1,170	1,284	1,254	-3,01%	1,109	1,331	22,20%
Taxa de Retorno sobre Ativo	4,19%	2,90%	7,31%	4,33%	-2,98%	2,6%	3,85%	1,25%

Tabela 5 – Resultados obtidos através da análise horizontal e da análise baseada em índices financeiros das vinte maiores cooperativas de crédito e dos três bancos privados nacionais dos anos de 1996 a 2005.

O crescimento médio das operações de crédito dentre as cooperativas apresentou um valor mínimo de 19,12%, valor máximo de 51,26%, mediana de 31,70% e média de 31,22%. O banco comercial que mais cresceu apresentou um crescimento médio no período de 23,38%, o que menos cresceu apresentou uma média para o período de 16,60% e a média do crescimento das operações de crédito dos bancos considerados foi de 20,50% no período.

As cooperativas de crédito apresentaram uma média de crescimento dos depósitos muito acima do crescimento dos bancos, porém a variação das cooperativas mostrou um grande declínio pelo fato de no ano de 1996 ter apresentado um grande crescimento de 99,46% e no ano de 2005 ter um crescimento muito abaixo da média.

A variação do crescimento médio das cooperativas de crédito, quando levado em conta o patrimônio líquido destas, apresentou uma variação positiva, isto é, cresceu mais no ano de 2005 do que no ano de 1996, e essa variação foi quase quatro vezes maior do que a dos bancos privados nacionais, e ainda uma

média de crescimento para o período analisado de 26,46%, nove por cento a mais que a média de crescimento dos bancos privados nacionais. Isto mostra uma real expansão de investimento dos acionistas na instituição.

Tanto os bancos privados nacionais como as cooperativas de crédito tiveram uma variação negativa, porém o crescimento médio das cooperativas apresentou-se positivo, como o dos bancos privados nacionais, com uma média de 31,95% para as cooperativas e 19,81% para os bancos.

A rentabilidade líquida dos investimentos teve variação negativa tanto para os bancos privados nacionais como para as cooperativas, e os bancos apresentaram uma rentabilidade média maior do que a das cooperativas de crédito, o que pode ser explicado pelo fato das cooperativas de crédito serem entidades que não visam o lucro.

Para o custo médio total, a variação apresentada tanto para as cooperativas como para os bancos privados nacionais foi em torno de 7%, o que mostra que essas duas instituições conseguem hoje contrair dívidas menos onerosas que no passado. Contudo, na média, os custos de financiamento das cooperativas de crédito mostraram-se um pouco menor que o dos bancos.

As cooperativas de crédito apresentaram uma pequena variação negativa no índice de Auto-Sustentabilidade de 3,01% enquanto que os bancos melhoraram este indicador na variação analisada em 22,2%. Porém, na média auferida durante os anos, as cooperativas de crédito apresentaram um índice maior do que dos bancos privados nacionais, mostrando assim uma eficiência nas suas operações, pois este índice evidência como a instituição está gerindo as suas atividades operacionais.

A variação da Taxa de Retorno sobre o Ativo apresentou uma queda significativa para as cooperativas de crédito de aproximadamente 3%, enquanto que os bancos tiveram uma variação positiva de 1,25%, mas, mesmo apesar deste quadro, as cooperativas de crédito obtiveram uma média significativamente maior de Taxa de Retorno sobre o Ativo do que os bancos privados nacionais, o que pode ser explicado pelo incentivo fiscal dado ao setor cooperativo de crédito.

6. Considerações finais

Primeiramente, destaca-se que as cooperativas de crédito apresentam estratégias de crescimento diferentes dos bancos privados nacionais. Apesar de ambas terem apresentado crescimento nas contas analisadas, os bancos privados nacionais tiveram um crescimento maior que as cooperativas de crédito e esse crescimento mais significativo pode ser consequência das estratégias distintas desse setor.

Tem-se que, comparando as cooperativas de crédito com os bancos privados nacionais, as principais variáveis de balanço de ambas as instituições reagem de forma semelhante a variações econômicas: quando há um crescimento do PIB, PIB *per capita* e da taxa de câmbio de compra, as contas ativo, patrimônio líquido, depósitos e operações de crédito dessas instituições também crescem, e vice-versa; quando há um aumento na taxa de juros Selic há uma redução nas operações de crédito de ambas as instituições, e vice-versa. Isso mostra que as

cooperativas de crédito podem aproveitar o momento de crescimento econômico brasileiro e de taxas de juros baixas para melhorar o seu desempenho financeiro e ampliar ainda mais a sua participação no Sistema Financeiro Nacional.

As cooperativas de crédito tiveram um crescimento significativo no número de unidades na década de 1990 e, conseqüentemente, um aumento na participação dentro do Sistema Financeiro Nacional, o qual foi possível graças à redução da participação dos bancos públicos e da Caixa Econômica Federal no sistema. Contudo, pode-se considerar que esse aumento na representatividade das contas não foi maior devido ao aumento significativo da participação dos bancos com controle estrangeiro.

A partir da análise específica das vinte maiores cooperativas de crédito, observa-se que, enquanto os três bancos privados nacionais buscaram manter uma evolução positiva das principais variáveis de balanço, com exceção da queda da taxa de crescimento do ativo, as cooperativas de crédito apresentaram uma queda na taxa de crescimento na maioria das contas, com exceção do aumento da taxa de crescimento do patrimônio líquido. A partir disso, não é possível concluir se o crescimento das cooperativas de crédito é algo momentâneo ou se pode ser considerado como sendo um crescimento sustentável de longo prazo, mesmo apresentando desempenho financeiro favorável.

Analisando-se pela média apresentada para todos os índices financeiros propostos, podemos notar que as cooperativas de crédito apresentaram uma rentabilidade líquida dos investimentos menor do que os bancos privados nacionais, porém o custo total do financiamento também se apresentou um pouco menor do que o dos bancos privados nacionais. Os bancos privados nacionais apresentaram um *spread* um pouco maior do que as cooperativas de crédito, porém o *spread* apresentado pelas cooperativas de crédito mostra-se satisfatório e de acordo com o princípio do cooperativismo, que é uma instituição que não visa o lucro.

A Auto-Sustentabilidade apresentada pelas cooperativas de crédito pode ser encarada de forma positiva, pois mostra que a intermediação financeira, que é o intuito operacional desta, está sendo realizada de forma eficiente, sendo inclusive maior do que o índice encontrado para os bancos privados nacionais.

A Taxa de Retorno sobre o Ativo das cooperativas de crédito mostra também um índice satisfatório, pois apresenta uma taxa de retorno maior que dos bancos, provavelmente devido a incentivos fiscais desfrutados pelas cooperativas de crédito.

Resumindo, as cooperativas de crédito, apesar de terem princípios, objetivos, serviços e estratégias diferentes, comportam-se de forma semelhante aos bancos privados nacionais perante o cenário econômico. Elas tiveram um aumento significativo na representatividade do ativo, patrimônio líquido, depósitos e operações de crédito, contudo abaixo do crescimento da representatividade dos bancos privados nacionais. Além disso, apresentaram desempenho financeiro favorável no período de 1996 a 2005, o qual evidencia que o setor tem possibilidade de continuar com a expansão da sua participação no Sistema Financeiro Nacional, apesar de não ser possível concluir se o crescimento que vem ocorrendo no setor é, de fato, sustentável.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSAF NETO, Alexandre. **Mercado Financeiro**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Boletim do Banco Central do Brasil: Relatório Anual**. v. 42. Brasília: BCB, 2006.
- BANCO Central do Brasil. Brasília. Apresenta informações referentes ao Sistema Financeiro Nacional. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/>>. Acesso em: 3 dez. 2007.
- FORTUNA, Eduardo. **Mercado Financeiro**. 17. ed. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2008.
- IPEADATA. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/>>
- LUCROS dos bancos abrem oportunidades para crescimento de cooperativas de crédito. São Paulo: Associação Nacional das Cooperativas de Crédito, 2007. Disponível em: <<http://www.ancc.com.br/modules/news/article.php?storyid=343>>. Acesso em: 25 mai. 2008.
- MARTINS, Eliseu. **Aspectos do Lucro e da Alavancagem Financeira no Brasil**. 1979. 183f. Tese de Livre-Docência junto ao Departamento de Contabilidade e Atuária, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.
- MARTINS, Eliseu. **Análise da Correção Monetária das Demonstrações Financeiras**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1993.
- MARTINS, E.; ASSAF NETO, A. **Administração Financeira : As finanças das empresas sob condições inflacionárias**. São Paulo: Atlas, 1986.
- MARTINS, Gilberto A. **Estatística Geral e Aplicada**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.
- MATARAZZO, Dante C. **Análise Financeira de Balanços: abordagem básica e gerencial**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1995.
- MELONI, Márcio F. **Cooperativismo de Crédito**. No prelo
- NAVES, Carolina F. B. N. **A sustentabilidade financeira das cooperativas de crédito rural: um estudo de caso no Estado de São Paulo**. Dissertação de Mestrado junto ao Departamento de Economia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2007.
- ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS. **Cooperativismo de crédito brasileiro**. Brasília.

PINHEIRO, Marcos A. H. **Cooperativas de crédito**: história da evolução normativa no Brasil. 5. ed. Brasília: BCB, 2007.

PORTAL Brasil. Brasília. Biblioteca virtual. Disponível em: <<http://www.portalbrasil.net/>>. Acesso em: 27 mai. 2008.

SILVA, Cesar R. L. **Qual taxa de câmbio?**. Análise e Indicadores do Agronegócio, 26 jun. 2006. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/OUT/verTexto.php?codTexto=6289>>. Acesso em: 27 mai. 2008.

SOARES, M. M.; SOBRINHO, A. D. M. **Microfinanças**: o papel do Banco Central do Brasil e a importância do cooperativismo de crédito. Brasília: BCB, 2007.

VON PISCHKE, J.D. **The Evolution of Institutional Issues in Rural Finance Outreach, Risk Management and Sustainability**, 1999. Disponível em <http://www.basis.wisc.edu/live/rfc/theme_outreach.pdf >. Acesso em: 09 jan. 2008.

TRIOLA, Mário F. **Introdução à Estatística**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2005.